

ACIDENTE OFÍDICO EM CÃO – RELATO DE CASO

BERNARDI, Éder¹; NORONHA, Felipe² DALL'ASTA, Luiza Bastiani²; OLIVEIRA, Moisés²; REOLON, Mariana²; PREVIATI, Bruno Bortolotto¹; SILVA, Aline Alves³; MARTINS, Danieli Brolo⁴; OLIVEIRA, Emanuelle Zanella⁵; ALCÂNTARA, Pedro⁶ (*in memoria*)

Palavras Chave: Bothrops. Choque anafilático. Saúde pública.

Introdução

Os acidentes ofídicos representam um sério problema de saúde pública nos países tropicais pela frequência com que ocorrem e pela morbi-mortalidade que ocasionam (PINHO, 2001, p. 1).

Existem três grupos de cobras venenosas: as botrópicas, crotálicas e micrurus. As jararacas são responsáveis por em média 90,5% dos casos de acidente ofídico, esta junto com a cascavel e a cruzeira são denominadas botrópicas, pois fazem parte do gênero *Bothrops* (CORREA, et. al. 2008, p. 1).

Os acidentes ofídicos ocorrem com maior frequência durante o verão e a primavera, principalmente em zonas rurais, locais onde existe uma grande concentração de serpentes peçonhentas (KUNKLE, 1998, p. 376).

No Brasil 80 a 90% dos acidentes ofídicos em seres humanos notificados são causados por serpentes do gênero *Bothrops*. Já nos animais domésticos não se tem uma estatística que expresse a realidade, devido à falta de obrigatoriedade da notificação. Dentre os mamíferos afetados os mais susceptíveis em ordem decrescente são: bovinos, eqüinos, ovinos, caprinos, caninos e suínos, porém dentre todos, os felinos são os menos atacados (PEREIRA, 2006, p. 6).

Pires (2008, p.30) caracteriza as serpentes peçonhentas pela presença de foceta loreal (orifício localizado entre os olhos e as narinas que tem a função de termoprotetor), cabeça triangular com pequenas escamas, pupila elíptica e presença de dentes inoculadores de veneno. Ainda Pinho (2001, p. 1) relata que existe um gênero de serpentes peçonhentas que não apresentam fosseta loreal e seus dentes inoculadores são pouco desenvolvidos, estas são chamadas de *Micrurus*, como o é o caso da coral verdadeira.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária ederlucio@hotmail.com

² Médicos veterinários autônomos mariana.reolon@yahoo.com.br

³ Professora responsável pelas disciplinas de Farmacologia Veterinária e Anestesiologia Veterinária, UNICRUZ- RS. Email: alinesa@bol.com.br

⁴ Professora assistente, disciplina de Clínica de Pequenos Animais, UNICRUZ-RS. Email: vetdanielmartins@yahoo.com.br

⁵ Médica Veterinária Plantonista do Hospital Veterinário- UNICRUZ.

⁶ Médico Veterinário do Hospital Veterinário- UNICRUZ.

O veneno botrópico segundo Santos (2003, p. 2) possui ações proteolítica, coagulante e hemorrágica, sendo distúrbios de hemostasia e os sinais locais como edema, hemorragia e necrose as primeiras manifestações clínicas observadas no paciente. Já Santos e Fragata (2008, p. 576 e 577) classificam a ação do veneno como proteolítica (necrosante), anticoagulante, vasculotóxica e nefrotóxica.

Material e Métodos

Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Cruz Alta, um canino, sem raça definida (SRD), macho, quatro anos de idade, pelagem branca, pesando 20,2 kg. O cão morava na zona rural da cidade de Cruz Alta.

Na anamnese foi informado que o animal havia sofrido um acidente ofídico sendo que a serpente seria uma cruzeira. Desde então, o animal apresentava sangramento na região mandibular, com presença de edema acentuado na face (Figura 1).

Durante o exame físico onde não foram observadas alterações. O animal foi encaminhado para internação onde foram colhidas amostras de sangue para realização de hemograma, proteínas plasmáticas totais (PPT) e contagem de plaquetas. O paciente foi hidratado e tratado inicialmente com: dexametasona 4mg/kg, furosemida 1mg/kg, cloridrato de tramadol 2mg/kg, amoxicilina 1ml/20kg e metronidazol 15mg/kg. A partir do segundo dia de tratamento foi cancelada a amoxicilina sendo substituída pela ceftriaxona 30mg/kg e acrescentou-se mais algumas medicações tais como: cloridrato de prometazina 0,8mg/kg e soro anti-ofídico polivalente 50ml. Também realizado o banho do animal com água morna e sabão neutro para higienização o local da picada diminuindo assim a contaminação secundária.

Ao hemograma observaram-se alterações de neutropenia, linfopenia e anemia regenerativa indicando uma resposta à hemorragia causada por deficiência na coagulação. O soro estava icterico e hematócrito em 22%. Pelo baixo hematócrito do paciente fez-se uso de transfusão sanguínea através de doador adequado. A contagem de plaquetas de 40.400 μ l, indicando uma severa trombocitopenia, pois os valores de referência para a espécie são de 200.000 a 500.000 μ l.

No sexto dia de internação o animal estava bem, não persistindo o edema nem o sangramento (Figura 2). As mucosas apresentavam-se normocoradas e estava aceitando a dieta *ad libitum*. Assim houve a alta do paciente.



Figura 1- Paciente com edema na região da face - dia 1.



Figura 2 – Paciente após 6 dias de internação

Resultados e Discussões

Segundo Pinho (2011, p. 2) existem 30 espécies de serpentes do gênero *Bothrops*, onde as mais conhecidas são: *Bothrops jararaca*, *Bothrops alternatus*, *Bothrops jararacussu* e *Bothrops neuwiedi*, encontradas por todo o território nacional.

O relato de acidente botrópico em felinos é muito raro, mas os cães são altamente susceptíveis pelo fato de terem um comportamento curioso em relação a algo desconhecido. Os locais mais comumente afetados são a cabeça (focinho e pescoço), o que não impede que os acidentes ocorram em outros locais do corpo como os membros. Animais de grande porte são mais resistentes, pois é necessária uma inoculação de maior quantidade de veneno para produzir a morte (SAKATE, 2002, p. 545). No presente caso o paciente foi picado na região do pescoço, um local comum, pois o cão tem costume curioso para com o desconhecido.

Santos e Fragata (2008, p. 576 e 577) classificam a ação do veneno como proteolítica (necrosante), anticoagulante, vasculotóxica e nefrotóxica. A necrose é causada pela ação citotóxica direta causada por enzimas como a bradicinina e a histamina que liberam substâncias vasoativas causando uma reação local com dor, edema, congestão, hemorragia e necrose (SAKATE. 2002, p. 545). Por isso é necessário a utilização de opióides como o tramadol para a analgesia. No animal atendido houve boa resposta analgésica mediante uso do cloridrato de tramadol, administrado duas vezes ao dia.

A ação coagulante se deve a transformação direta de fibrinogênio em fibrina semelhante ao fator X e a protrombina, a ativação da cascata de coagulação leva ao consumo de fibrinogênio e a incoagulabilidade sanguínea, assim o animal pode desenvolver CID com a formação de microcoágulos (SAKATE. 2002, p.545).

As hemorragias que são causadas por fatores chamados hemorraginas que causam a destruição da camada basal e a ruptura dos vasos sanguíneos que assim causam a chamada ação vasculotóxica que pode ser local (no lugar da picada) ou sistêmica atingindo pulmões, cérebro e rins. O edema é um dos achados mais característicos desse efeito. Lesões locais como necrose, hemorragia e congestão podem ser comprometidas, ou seja, potencializadas caso haja contaminações secundárias (SANTOS; FRAGATA. 2008, p. 577). Por isso se faz necessária a higienização da paciente, bem como a antibioticoterapia.

Conclusão

O presente relato demonstra a importância do animal acometido por acidente ofídico ser tratado o mais rápido possível e a relevância da identificação do agente/serpente para um tratamento específico.

Referências

CORREA, B. *et al.* **Acidente Ofídico por veneno Botrópico em cão.** Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/CA/CA_01847.pdf>. Acesso em 20 de fevereiro de 2011.

KUNKLE, G. A. Cutâneo-patias necrosantes. In BIRCHARD, Stephen J; SHERDING, R.G. **Manual Saunders clínica de pequenos animais.** 1ª ed. São Paulo- SP: Roca Ltda, 1998. Cap.12. p. 374 a 380.

PEREIRA, M. T. **Acidente Botrópico em Cães.** Disponível em: <<http://www.qualittas.com.br/documentos/Acidente%20Botropico%20em%20Caes%20-%20Monica%20Tischer%20Pereira.PDF>>. Acesso em: 27 de abril de 2011.

PINHO, F. M. O; PEREIRA, I. D. **Ofidismo.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ramb/v47n1/a26v47n1.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2011.

SAKATE, M. Terapêutica das Intoxicações. ANDRADE, S. F. **Manual de Terapêutica Veterinária.** 2ªed. São Paulo – SP: Roca, 2002, Cap 21, p. 545 a 547.

SANTOS, R. R. **Sensibilidade *in vitro* da Microbiota da Orelha de Cães com Otite Externa a Cinco Antimicrobianos.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/actavet/35-suple-2/anclivepa%20artigos%20dermatologia.pdf>>.

Acesso em: 03 de maio de 2011.

SANTOS, M. M. *et.al.* **Emergência e Terapia Intensiva Veterinária em Pequenos Animais.** 1ªed. São Paulo – SP: Roca, 2008, Cap 11, p. 575 a 579.